

Casal tinha esquema de prostituição

Recepcionista de hotel de luxo ligava para sócia quando hóspedes pediam por garotas de programa. Elas cobravam até R\$ 300

Luiz Gustavo Rabelo
Da equipe do Correio

Depois da prisão na última segunda-feira de Valdeci Alves Peixoto — acusada de manter um apartamento de programas na 709 Norte —, a Delegacia de Costumes e Diversões Públicas (DCDP) desmontou outro esquema de prostituição.

Foram presos em flagrante no início da madrugada Marilene Fernandes de Oliveira, 34 anos, e Gustavo Leite Ferreira, 25. Segundo a polícia, ambos gerenciavam um mercado do sexo de alto nível.

Recepcionista do Hotel Nacional, no Setor Hoteleiro Sul, Gustavo era uma espécie de contato de Marilene. Quando algum hóspede necessitava dos serviços de alguma garota de programa, ele acionava Marilene.

Moradora da QI 2, no Lago Norte, Marilene agenciava pelo menos seis garotas. Exigente, só trabalhava com meninas educadas, bonitas e, preferencialmente, louras — as mais pedidas pelos clientes.

O dinheiro obtido com a prostituição era dividido meio-a-meio com as garotas, que cobravam entre R\$ 200 e R\$ 300 por cada programa. Além do Hotel Nacional, outros hotéis cinco estrelas também eram atendidos pelas meninas. Mauro Jucá, diretor-executivo do hotel onde Gustavo trabalhava, desconhecia o esquema. "Foi um fato isolado e uma atitude pessoal que não tem nada a ver com a empresa", afirmou.

Segundo a polícia, Marilene confirmou que agenciava as garotas. Ela foi autuada em flagrante por rufianismo (tirar proveito da prostituição alheia) e pode pegar uma pena, em caso de condenação, de um a quatro anos de reclusão. Já Gustavo foi enquadrado no crime de favorecimento da prostituição e pode pegar de dois a cinco anos de cadeia.

GAROTAS

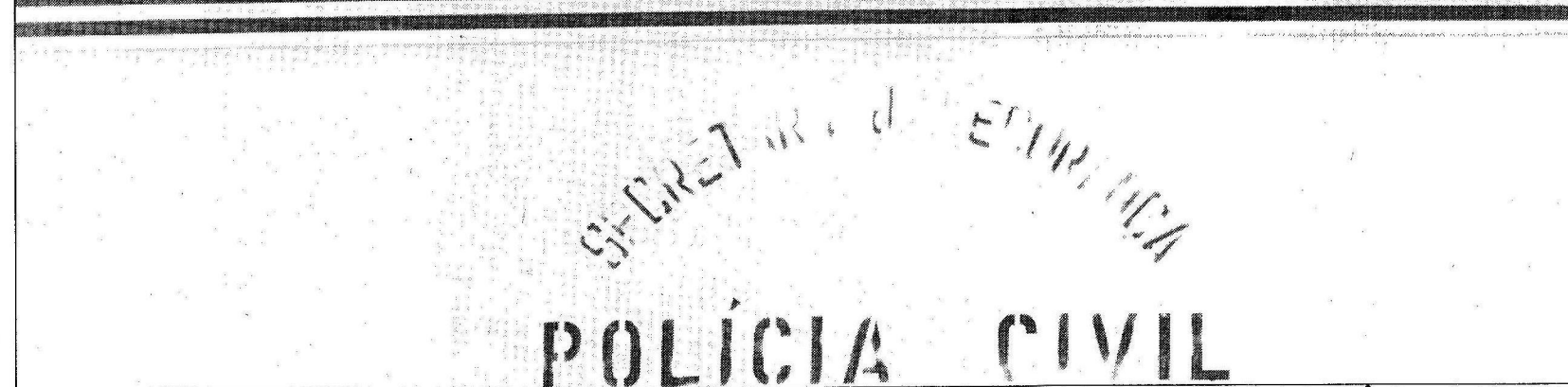
É a terceira denúncia de prostituição que a DCDP recebe esta semana. Na terça-feira, com base numa ligação anônima, agentes da delegacia foram até um prédio, na comercial da 211 Norte, onde pretendiam encontrar agenciadores de garotas de programa, entre elas menores de idade.

A acusação se confirmou pela metade. De fato, quatro apartamentos no subsolo do prédio haviam sido alugados por garotas e garotos de programa. Nenhum deles, no entanto, pertencia a uma "agência" ou trabalhava para algum cafetão. Eram trabalhadores autônomos, que ganham a vida nas ruas.

Assim que a polícia chegou ao prédio e bateu na porta dos apartamentos, a reação foi de apreensão e desespero. Em um dos imóveis, foi encontrada uma menor de idade, M., de 16 anos, que alegou estar passando uns dias com suas irmãs.

Num outro apartamento, dois rapazes de 19 e 22 anos confessaram que também faziam programas. Mário e Arnaldo — nomes fictícios — vieram de Tupã, no interior de São Paulo, e Vitória (ES), respectivamente. Disseram que os clientes —

Raimundo Paccó



Jovens que se prostituíam por conta própria em quatro apartamentos na Asa Norte foram encaminhados para a delegacia no Ônibus da Alegria

homens e casais, nunca mulheres sozinhas — os procuram por meio de anúncios em jornais.

Mário, ex-modelo, 1,83 metros, cabelos lisos e claros, olhos verdes, veio para Brasília há seis meses. Arnaldo, moreno, 1,75 metros, já está na cidade há dois anos. Os dois dividem as despesas do apartamento e os contentamentos e desilusões da profissão que escolheram.

"Viemos para Brasília porque aqui não faltam clientes. Em São Paulo pagam melhor, mas a concorrência é bem maior", disseram. Arnaldo e Mário cobram entre R\$ 60 e R\$ 80 por cada programa. Por mês, eles dizem ter um lucro médio de R\$ 4 mil.

ÔNIBUS DA ALEGRIA

Na terça-feira, os dois foram levados para a DCDP, junto com mais

outras dez garotas. Em fila indiana, eles seguiram para o *Ônibus da Alegria*, nome dado o microônibus da Secretaria de Segurança usado neste tipo de operação.

A caminho da delegacia, foram informados pelos policiais que seriam liberados depois de prestar depoimento. Com a notícia, o alívio substituiu a apreensão na face de cada dos jovens.

Na delegacia, mais calmos, tiveram até a audácia de brincar com os policiais "O senhor não vai me liberar não? Estou perdendo dinheiro", disse uma delas a um policial.

No início da noite, todos foram liberados, à exceção da menor que foi encaminhada à Delegacia da Criança e do Adolescente (DCA).